



REPUBLICA DO EQUADOR — ERMIDA DO ROUBO.

Esta pequena ermida é situada não longe de Quito, na republica do Equador, á borda dos desfiladeiros de Jerusalem; cerca-a uma paisagem severa e cheia de horrorosas tradições; a cada passo do viajante n'esta famosa *quebrada*, o guia refere alguma terrível legênda, que tem sua origem ou nas superstições indianas, ou nos annaes do crime. De todas estas narrativas as mais dignas de fé são as que alludem aos numerosos roubos commettidos pelos indios entre os rochedos e as moitas de em torno. Conta-se que fôra um homem rico, mas de indole um pouco original, quem, compadecido dos indios, que a miseria tinha arrastado ao crime, mandára construir a ermida do *roubo*, determinando, que ali se rezassem missas constantemente pela salvação de suas almas. Mas esta explicação do nome singular do elegante eremiterio, não é a mais curiosa nem a mais popular. Segundo tradição mais acreditada, ha bantantes annos um frade fugiu certo dia de um rico convento de Quito, deu ao démo o habito, mudou de nome, disfarçou-se, e deu entrada no seculo com um falso titulo e riquezas immensas: deu-se a viver n'um luxo extraordinario, gastava o dinheiro com a maior prodigalidade, entregando-se sem reserva ás suas paixões. Mas os excessos de toda a es-

pecie arruinaram-lhe em breve a saude, e puzeram-no á beira da sepultura; quando estava para expirar, mandou chamar um padre, e confessou-lhe que em outro tempo, no convento, despojára uma imagem da Virgem de todas as pedras preciosas, que a ornavam, tirando-as pouco a pouco, e substituindo-as por pedras falsas. Accrescentou, que enterrára estas pedras, de valor e preço inestimaveis debaixo de uma pedra nos desfiladeiros de Jerusalem. Depois d'esta confissão morreu. Correu-se aos desfiladeiros de Jerusalem, e no sitio, que fôra indicado pelo criminoso moribundo, encontrou-se ainda grande porção de diamantes. Foi em memoria e expiação d'aquelle nefando sacrilegio, que se edificou a ermida.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XI.

O castello desde a aclamação de D. João II até ao tempo presente.

CHEGOU o anno de 1663, e com elle a formidavel invasão de D. João d'Austria, que com poderoso

OUTUBRO 29. 1853.

exercito accommetteu e tomou a cidade de Evora. Arrayolos com seu castello desguarnecido e desmorronado não podia, imitando o exemplo da vizinha Evora-Monte, nem responder briosamente a ameaças, nem tão pouco resistir a impetos inimigos; e assim submissa e humilde mandou prestar obediencia ao exercito castelhano em domingo 13 de maio, ao sitio da Venda do Duque, quando caminhava da parte de Estremoz á empreza de Evora (1): e

(1) O que levo dito n'este logar do texto não soffreria objecção, a não haver no cartorio da camara um documento, que visto sem reflexão parece provar o contrario. É a *Relação*, que por effeito da carta regia de 11 de janeiro de 1721 a camara enviou á academia real da historia portugueza, sobre as cousas tocantes á villa. Ahi se lê: «Tem esta villa um castello, o qual está arruinado e destruido pelo inimigo o destruir com minas no tempo, que veiu D. João d'Austria tomar a cidade de Evora, que foi na era de 1663.» Esta asserção porém, escripta 58 annos depois da epocha a que o facto se refere, não tem valor algum á vista dos factos antecedentes e consequentes deduzidos no texto, e das narrações contemporaneas, que a contradizem e destroem. E seja a primeira uma memoria contemporanea, manuscripto existente na bibliotheca publica eborense, cujo titulo é *Campanha de Portugal pela provincia de Alentejo na primavera do anno de 1663.* «No quartel de Terã (diz a memoria) estive o inimigo o dia 12 de maio, por lhe haver chovido todo elle; aos 13 se foi alojar nos lhanos da Venda do Duque, distante tres legoas de Estremoz, e quatro de Evora; d'aqui mandou D. João d'Austria occupar os postos da cidade por D. Diego Cavallero, general da cavallaria d'aquelle exercito, com tres mil cavallos, e um bolantim a Evora-Monte, para que se rendesse. Estava governando esta villa, cujo circuito a natureza poz em tão eminente logar, que se julga inexpugnavel, o mestre de campo Paulo Freire de Andrade com quinhentos infantes, que bizarramente respondeu ao papel, e melhor resistira ao combate, se seguindo este exercito maiores desatinos intentasse forçar esta praça. A 14, primeira oitava do Espirito Santo, amanheceu sobre Evora D. Diego Cavallero, pela parte de Nossa Senhora do Espinheiro, convento dos Hieronimos, etc. etc.» É continuá a narração sem boquejar em Arrayolos.

O *Portugal Restaurado*, cujo auctor foi um dos generaes d'esta campanha, e sempre tão miudo em narrar todos os successos, mórmente os militares, nada diz tambem de ataque ou tomada de Arrayolos, quando não lhe esqueceu a intimação a Evora-Monte, e a resposta do governador.

O padre Caetano Passarello, sectario das partes de Castella, na sua obra *Bellum Lusitanum, ejus que regni separatio a regno Castellensi*; 1 vol. fol. Lugduni. 1684, a pag. 332, concorda com a narração do *Portugal Restaurado* com levissimas variantes; e mencionando igualmente a resposta de Evora-Monte, guarda completo silencio sobre Arrayolos.

O padre Manuel Fialho, auctor que ainda alcançava aquelles tempos, e se informou de grande numero de testemunhas oculares, concorda na sua *Evora Illustrada*, (ms. na bibliotheca publica eborense) com a narração dos auctores antecedentes.

Se existisse livro das vereações d'aquelle tempo, o exame d'elle seria bastante para certificar da verdade ou falsidade do facto; mas como esse livro se perdeu, servir-me-hei, além dos testemunhos nega-

novamente rendeu preito e vassallagem ao vencedor, quando este occupou aquella cidade (2).

A invasão de D. João d'Austria, e a tomada de Evora assustaram toda a provincia, e fizeram cogitar em novas fortificações. Levada do impulso geral a villa de Arrayolos não duvidou impôr a seus

tivos allegados, dos seguintes positivos e terminantes. 1.^o No papel intitulado *Primera Relacion de los progressos que han tenido las catholicas armas de S. M. en la provincia de Alentejo, gobernadas por el Serenissimo Señor el Señor D. Juan de Austria desde Domingo 7 de Mayo que salió el exercito de la ciudad de Badajoz hasta miercoles 25 del dicho mez vispera de la solemnissima fiesta del Corpus Christi que ganó a Eborá Ciudad.* Escripto em Evora em quanto D. João d'Austria a occupava, e impresso depois em Sevilha no mesmo anno de 1663, de que existe uma cópia manuscripta na bibliotheca publica eborense, cod. CV—I—8 se lê o seguinte: «Iua S. A. en busca de D. Sancho Manuel que con arrogancia portuguesa auia esparsido valatines publicando que queria pelear con nuestra gente, y que para esso estaua espeñando en la campaña, però luego que reconoció que nuestro exercito se encaminava hacia los alojamientos de las tropas rebelladas repartió su gente en Yelves, Villa Viciosa y Eborá, y con 6:000 infantes y cauallos se encerró em Estremoz junto con los cauos mas principales de su gente. S. A. marchó entonces a uista de Eboramonte cuyo gobernador, que lo es Manuel Lopes de Andrade (aliás Paulo Freire) no se quizo rendir á la obediencia de S. M. S. A. dilató para otra occasion la satisfacion de aquella descortezia. Este dia y el siguiente se venieron a rendir Vimiero y otras 18 villas de la jurisdicción de Estremoz y Eborá Ciudad. Hazia esta plaça se encaminó S. A. con pretexto de assediála, resolución que ya mas pudo el enemigo creer, ni aun imaginar: y que ha ocasionado en el reino de Portugal las alteraciones y alborotos que son notorios y particularmente en Lisboa. Estaua la ciudad mui bien guarnecida con cinco tercios de infanteria compuestos de 3:500 hombres del exercito del rebelde, y 5:000 hombres naturales de aquella plaça, todos con las armas en la mano, e entre ellos 1:000 estudiantes y 100 cavallos; por governador desta gente Manuel de Miranda. En la marcha destes dos dias se quemaron mas de cien quintas y cazenas, adó se hallaron buenos pillages.

«Domingo 13. El señor D. Diego Cauallero de Illescas se adelantó con 3:500 cauallos a tomar los puestos para sitiar la ciudad de Eborá, y el dia siguiente marchó todo el grueso a dicha facción, e en el camino salieron a dar la obediencia los de la villa de Arrayolos, que tiene mas de 600 vezinos.

«Martes 15. Acabó de llegar sobre Eborá todo el grueso de exercito, etc. etc.»

2.^o N'um fragmento da historia da campanha de 1663, talvez original de Luiz Serrão Pimentel, se lê que no dia 12 de maio, na Venda do Duque, vieram dar obediencia, e offerecer contribuição as villas de Arrayolos e Vimieiro, que por não terem defensa, e evitarem o risco, póde ter desculpa tão desatinado remedio, como é obedecer aos contrarios. (bibliotheca publica eborense).

Isto dispensa mais commentarios: e á vista de tantas provas continuarei na opinião, que deixo lançada no texto, em quanto não apparecerem outras melhores em contrario.

(2) «A 27 do mez vieram a dar-lhe obediencia»

moradores o tributo do real d'agua para reformação do castello; e porque este dinheiro se havia de cobrar com delonga, alcançou provisão de el-rei, em 23 de agosto de 1664, para poder logo tomar por emprestimo do cofre dos orfãos 600,000 réis, que seriam repostos pelo primeiro dinheiro, que fosse caíndo do real d'agua; o qual todavia cessaria logo que acabada fosse a projectada fortificação, e pagos os orfãos (1). Aconteceu porém o que é estylo em taes casos: cobrou-se o tributo, e ficou a obra por fazer. O dinheiro foi applicado por emprestimo para a fortificação de Évora; e passados alguns annos exigiu-se d'esta cidade a restituição d'elle, e se applicou sem condição alguma á fortificação da praça de Estremoz (2).

O abandono do castello continuou. Em 1689 dizia em seu provimento o visitador do ordinario. «E considerando o grande perigo e risco na guarda da igreja matriz, junto da qual, nem dentro em todo o castello mora pessoa alguma, e por ser logar deserto, etc. (3)»

Desde então para cá nunca mais foi habitado nem restaurado; e successivamente se tem deteriorado, até se reduzir ao estado actual já atraz descripto. Em 1833 serviu o pateo do paço de cemiterio dos cholericos; mas foi logo abandonado, e o cemiterio transferido para o claustro do convento de S. Francisco, aonde se conserva. E por esta occasião se note que foi necessario o flagello da cholera-morbus no seculo 19.º para fazer tornar os arrayolenses ás saudaveis tradições do uso do cemiterio, como no seculo 13.º (Vide atraz no capitulo da controversia de el-rei com a Sé de Évora, sobre o dominio de Arrayolos, etc.)

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei despeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

VI.

O REVERENDO epico, segundo a phrase ironica de Pato Moniz ao auctor do Gama, cego de paixão, e contra os clamores da consciencia, querendo aviltar o engenho do seu rival, exclama com figurado desprezo:

Traductor de aluguel, quem são teus zoilos?
Tu, que a soldo de um frade ao mundo imbutes
Rasteiras copias de originaes soberbos?
Que vultu fazes tu? Quaes são teus versos?
Teus improvisos quaes? Glosar tres motes,
Com logares communs de *facho* e *séttas*,
Velhos arreios do menino Idalio?
Glosar e traduzir isto é ser vate?

cia, e reconhecê-lo por vencedor as villas de Arrayolos, Redondo, Vianna e Alcaçovas. Montemór já a tinha dado, etc.» Padre Manuel Fialho, *Evora Illustrada*, ms.; tomo 2.º, n.º 1176.

(1) Livro de registo na camara de 1661 a 1673, fol. 8.

(2) Cartorio da camara de Évora. Livro 2.º dos originaes, fol. 238.

(3) Livro das visitasões da Matriz, fol. 93 v.

Perido no mais sensível, ardendo em despeito, e certo de que era uma calumnia pelo proprio merito, Bocage ergue-se terrível, e em uma apostrophe inspirada vindica a elevação que lhe pertence; juiz e parte ao mesmo tempo, n'um arrojo desculpavel, cinge a si mesmo a corôa, e celebra os seus louvores. É das poucas vezes, em que fallar de si, como a posteridade fallaria, não auctorisa a censura. Elmano tinha jus a citar os seus dotes quando a parcialidade e o odio lh'os contestavam, confundindo-o na plebe dos repentistas obscuros, prorompe elle:

Sanguesuga de putridos auctores,
Que vaes com cobre vil renir das tendas!

.....
Em quanto a estatua da ignorancia elevas
Os dias eu consumo, eu vélo as noutes
Nos desordenados, indigentes lares;
Submisso aos fados meus, ali componho
A pezada existencia honesto arrimo.

.....
Inda não me elevei do Pindo ao cume
Com fama, que assoberbe os summos vates:

.....
Insulso rimador de *fachos*, *séttas*,
Nugas não douro, não mendigo applausos
De vacuas fronte, plagiarias linguas;
Não sou, nem de improviso, o que és de espaço!

.....
Verter com melodia, ardor, pureza,
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estorvo
De um, d'outro idioma discernindo os genios,
O caracter do texto expôr na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio,
É ser buçio, ou papagaio, Elmiro?
Confronta originaes, e as copias d'elles;
Verás se a musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense attinge,
Castel transcende, e com Delille hombra!

O grande merecimento d'esta satyra é unir ao desforço os preceitos da arte. Ha versos que resumem volumes de Poeticas. O fecho corresponde á energia e á força dos membros. Com o sorriso nos labios, e o fel na penna, Elmano convida o seu contrario a não recuar no estadio, seguro de que elle a cada passo encontrará um revez.

Mas não desmaies na carreira, avante,
Eia, ardor, coração... vaidade ao menos.
As oitavas ao Gama esconde embora...
N'isso nem perdes tu, nem perde o mundo.
Mas venha o mais! Epistolas, sonetos,
Odes, canções, metamorphoses, tudo...
Na frente põe teu nome, e estou vingado!

Esta guerra atroz durou cinco annos ainda entre os poetas; e foi pouco antes da morte de Manuel Maria, que um dia lhe appareceu Macedo em casa, pedindo-lhe com maneiras affectuosas a reconciliação; acceita esta com o mesmo gosto com que era proposta, José Agostinho, em prova de sinceridade, dedicou a Elmano a sua imitação do texto de Horacio.

Non omnis moriar: maxima pars me vitabit Libitinam.

N'esta poesia entre muitos elogios Elmiro rematava:

Do nada universal entreat no abysmo
Os arbitros do mundo e heroes de Marte.

Quando lhes abre a campa
A morte imparcial, a terra folga,
Do nada zombam teus cadentes versos,
E a sombra do sepulchro em luz convertem:
Para si também guardam
A fama perennal, que aos outros deram.

Bocage responde ao panegyrico em um soneto, a que poz esta atrevida epigraphe:

Nomen erit indelebile nostrum!

que encerram tercetos nada inferiores em louvor ás empoladas apologias de Macedo:

Meus dias, de ouro já como os primevos
Salvas do crú Saturno, e morte crúa,
De uma e de outra existencia algozes sevos.

Rivaes a duração do sol e a sua
Calcando a Parca, atropellando os evos,
Elmano vivirá da gloria tua!

O epicedio de José Agostinho á perda de Manuel Maria, pagou o tributo da amizade recentemente tornada a estreitar, e dá estimação do grande espirito, que animára as cinzas do traductor de Ovidio. Desde o exordio, que abre magestoso por estes soberbos versos:

Quem póde, ousado, liquidas correntes
Que do cume dos Alpes se despenham,
Quando o gelo descoalha o sol brilhante
Na carreira suster? Leva espumoso
Vortice, ao mar correndo, a pedra, o tronco,
E, desdenhando o dique, o campo alaga.
Quem póde accêso, crepitante raio
Na carreira apagar, suster na queda?
Rompe as nuves, estala, desce á terra.
Bronze, ferro, são pó se oppôr-se atrevem...

até á conclusão, em que n'uma grande imagem pinta a indigencia e a constancia do poeta:

Jámais te ouvi queixar: d'est'arte a rocha
Vê contra si trepar furiosas ondas,
Immovel ao furor, intacta aos golpes:
Na terra as bases tem, nos céus a fronte.

Os sabios de Albion e o douto Ibero
Te hão de aprender de cór: em quanto o mundo
Se lembrar de Camões, de Tasso e Milton
Lhe ha de lembrar também de Elmano o nome...

a apologia não cessa, e é completa.

Estes louvores estampados sobre a campa do amigo, e do vate não foram duradouros. Mais depressa do que a terra lhe comeu os ossos, o ciume e o resentimento gastaram a saudade, apagando o dever da lembrança. Sete annos depois da morte de Manuel Maria, saíndo dos prelos em Londres a Pena de Talião, que tanto mortificára Macedo, accendeu-se a cholera d'este, e dirigindo a carta — *De um pae para seu filho sobre o espirito do Investigador Portuguez* vingou a offensa moderna sobre os manes de Bocage, auctor da injuria antiga. Na analyse da obra de Elmano, José Agostinho não poupa observações para a denegrir, cobrindo-se com o pretexto de fazer critica imparcial. Esforços vão! Uma outra sombra não desmancha a belleza, nem macula o lustre d'aquella inspirada poesia. Como que prevendo o futuro, o cantor de Leandro e Hero em admirados

versos explicou a necessidade do claro-escuro nas produções litterarias, do mesmo modo que na téla do pintor. Para a formosura sobresaír é preciso carregar as côres em certos pontos, e deixar escapar pequenos descuidos em outros. O preto realça a alvura da tez nas damas; alguns lapsos, cortando a uniformidade, que nos cansa mesmo do optimo, servem de exaltar o valor ás perfeições.

Co'a materia convem casar o estylo;
Levante-se a expressão, se é grande a idéa;
Se a idéa é negra a locução negreje;
E tenue sendo se atenua a phrase.

Citas um verso máu, que não transfórma
Em matos os jardins! é natureza
Estarem par a par espinhos, flôres;
E não sabes, malevolo, que a regra
Une a tenues objectos, simples phrases?

Macedo não quiz recordar-se d'estes preceitos, que o açoute da Nemesis Bocagiana devia ter-lhe gravado profundamente na idéa. Mordendo na mortalha do poeta, a quem jurára na separação estima eterna, uma baixa inveja, um rancor indigno puderam mais com elle do que o decoro, o brio e a religião do tumulto. Estando gelada a voz do grande cantor, levantou a sua para lhe vituperar os manes, e no exemplar dos Burros de 1812, (porque todos os dias accrescentava ao poema novos versos allusivos aos acontecimentos do tempo) assegúra o sr. Castilho, que elle não se envergonhou de lançar uma obscena e torpe invectiva contra as cinzas d'aquelle, que em pomposos elogios saudára príncipe na arte, e, o que é muito mais ainda, abraçára como amigo na hora extrema.

Eis esses metros flagelladores, não da memoria de Elmano, mas da consciencia e do character de José Agostinho:

Subito avança despoldado espectro
Que sae do cemiterio: inda na bôca
Inda na mão sustem cigarro e copo...
Era o vadio e glosador *Bocage*,
Que os doze tomos do Talmud queria
Verter, verter, verter, verter em versos!
Foge-lhe o triste vertedor *Bocage*
Quando outra fôrma mais risonha surge.

E em outra parte:

Eu do Sado houve um filho, e n'este ventre
Por anno e dia me morou qual burro (!!).
Eu mesmo o fiz marchar do Tejo a Gôa
Eu de Gôa o chamei de novo ao Tejo.
Não foi por certo avara a natureza,
Algum genio lhe deu; mas só faiscas
Dispersas, soltas, lhe rebentam d'alma,
Nunca á teimosa reflexão sujeita.
Secco do seu, interprete do alheio,
Viveu de traduzir, morreu vertendo.
Fez versos machinaes, juntou palavras,
De tudo cabo deu com a escolha chocha;
Fez seita, e tem discipulos qual elle!

Finalmente, parecendo-lhe pouco ainda este acervo de deploraveis miserias, em 1813 nas Considerações Mansas sobre o tomo 4.^o de Bocage, dirige-lhe novo improperio:

Deixa, ó Baccho, o teu tunel!
De andador toma a campainha!

Vae tocando a campainha!
Na morte do teu Manuel!

No entretanto o comportamento de José Agostinho suscitou vingadores a Elmano. Uma decima composta quando elle publicava o Oriente, entre muitos versos satyricos que lhe dispararam, merece que a citemos n'este processo. Ignora-se o auctor, mas era de certo poeta costumado a conversar com as musas:

Ao Parnaso quer subir
Novo rival de Camões:
E das loucas pretensões
As musas se põe a rir.
Apollo, sem se affligir
D'est'arte diz ao casmurro:
«Póde entrar, que não o empurro;
«Não me vem causar abalo;
«Já cá sustento um cavallo,
«Sustentarei mais um burro.

A posteridade fará justiça a ambos, collocando a cada um no logar que lhe compete, e pezando em balanças iguaes as qualidades e os defeitos. O pó d'estes jogos olympicos não lhes póde esconder o rosto, caladas as paixões da lucta, e extincta a epocha, que os viu nascer, e que os admirou gigantes. O espaço, que pareciam julgar estreito para si, é bastante largo para muitos; e o louro triumphal, que disputaram, chega para todos. Filhos da ultima geração poetica, percursores do renascimento da escola nacional, das suas Arcadias sobrevivem elles só. Re-trahendo nos seus combates e canções, o periodo final da litteratura classica, já modificada pelos primeiros alvares da revolução chamada romantica, o deus que invocaram caíu do altar, mas os sacerdotes não morreram no espirito. Como em Athenas escrava a belleza das ruinas vingava a crueldade da fortuna, vel-os-hemos intactos, resistindo ao tempo, estatuas a que a tradição irá todos os annos dourando a formosura, e tornando sagrado o busto. A admiração e o respeito devidos ao engenho velarão os seus templos como monumentos, não deixando confundir na plebe dos vencedores anonymos os bardos do entusiasmo e da inspiração.

Falta-nos esboçar agora a physionomia e o sentido do talento de Bocage. Um exame rapido das suas obras nos dirá se os elogios, que lhe concedemos até aqui excediam a verdade, ou se a razão estava do lado dos seus emulos. Tal será o objecto dos ultimos dous capitulos.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



A COROA DE UM REI D'IRLANDA.

O REI da Irlanda livre, no começo do decimo primeiro seculo, era Brian Boiroime. Este monarca per-

deu a vida na famosa batalha de Cluan-Tarf, combatendo contra os dinamarquezes, que todavia tiveram de abandonar a ilha em consequencia da completa derrota que n'ella soffreram. Diniz, filho e successor do valoroso capitão, mandou recolher os despojos mortaes e a corôa de seu pae: mas os soldados escolhidos, que encarregára da guarda de objectos tão caros, foram atacados de subito, e pereceram victimas da sua lealdade; n'essa occasião desapareceu a corôa, que representa a nossa gravura, e que sómente se encontrou, seiscentos e noventa annos depois da jornada de Cluan-Tarf, em 1692, a doze pés de profundidade, nos brejos de Allen, em Irlanda. É de ouro macisso, e em fórma de barrete, á maneira dos orientaes.

Esta preciosa antigualha anda hoje na familia do marquez d'Anglure.

As iniciaes H. R. E. B. B., que se observam na orla da corôa, tem dado que fazer aos sabios, que em sua interpretação não poucas vezes vacillaram e se contradisseram: passa porém por averiguado actualmente, que aquellas letras representam as palavras irlandezas: Hara Rieis Erion Brian Boiroime, que significam em portuguez: *Corôa do rei de Erin* (Irlanda) *Brian Boiroime*.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLIA.

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

V.

Na sala de armas

SURPREHENDIDO e como extatico, não era terror o abalo, que Fernão Gonçalves sentia. Era antes uma d'essas impressões, que ás vezes nos sobresalteam no volver da vida, uma hâmonia viva e suave, que subitamente vem despertar as harmonias adormecidas no íntimo do nosso ser; um rosto pela primeira vez, visto, cujo retracto traziamos dentro do peito, sem termos ainda encontrado no mundo o original; uns encantos de mulher, cuja imagem, qual luz solitaria, se nos reflectia na alma, sem que nunca d'antes os nossos olhos fossem d'ella illuminados. Fernão Gonçalves lembrou-se então do sonho extraordinario, que, havia muitos mezes, tivera em uma noute, que dormira na ermida de S. Pedro de Arlança.

Lembrou-se... Mas as suas conjecturas seguiram logo outra corrente. Não seria acaso aquella apparição a senhora Santa Cazilda, cujo auxilio juntamente com o de S. Victor, havia poucos minutos, elle invocára? A santa era filha de um mouro, rei que fôra de Toledo; porque não havia de apparecer-lhe em trajos mouriscos? Era formosa; porque não havia de mostrar-se com todas as fascinações da belleza?

Estava adivinhado o enigma da apparição: um momento assim o creu Fernão Gonçalves. Um momento depois já dizia consigo mesmo: «Não! não! Aquella virgem bemaventurada aborrecia os trajos e pompas orientaes...»

Um gemido plangente, que parecia sair do interior do castello, o interrompeu n'este ponto do seu soliloquio. Olhou, e no eirado de uma das torres, cujo volume se lhe afigurou monstruoso e disfor-

me, viu estar a fantasma, que pelo reflexo do luar parecia voltear na mão uma cousa que brilhava; um alfange, talvez.

Persignou-se então; ajoelhou; rezou a S. Victor; pediu perdão á bemaventurada Santa Cazilda; e implorava a todos os patronos celestiaes de Castella que o protegessem a elle e aos seus dominios contra os inimigos da christãdade e as machinações do espirito das trevas, quando um tinir de espadas veiu de novo sobresaltal-o. Desembainhou resolutamente a sua. O espectro vinha outra vez passando, em distancia porém de uns cincoenta passos: brandia um alfange, e caminhava com tamanha rapidez, que fôra impossível alcançal-o. Parou na aresta occidental da montanha; soltou outro grito lamentoso; e accinou muitas vezes com as dobras da capa mourisca como quem se despedia. Então a viva claridade, que scintillava na montanha, que resplandecia no rio, que se derramava nas planicies e nos valles, cobriu-se de um manto opaco de sombras, com as quaes contrastavam ao longe as tintas de um luar, que escapava a custo do astro da noute meio entenebrecido. Pouco depois o gallo entoou o seu cantico ironico; junto á visãõ surgiu uma pequena chamma azulada e uma nuvem de fumo; e em quanto a aura da noute transportava uns sons distantes, mas suaves, como de harpa eolia, em que distinctamente se percebia esta palavra «*Azzahrat!*» a visãõ desapareceu.

A agitação nervosa, de que impressionára o conde esta scena sobrenatural, convertia-se-lhe agora em vaga melancolia, repassada de dogura. Deleitava-se em reler com os olhos da fantasia o traslado d'aquella figura encantadora. Espectro, feiticeira, demonio ou espirito elementar, que importava, se era um anjo de formosura aquella visãõ? Haveria entre ella e o sonho singular do conde na ermida de S. Pedro alguma relação mysteriosa? Porque seriam tão parecidos, que os não differencára o mais fino olfacto, o aroma exquisito a que recendia o manuscrito arabe, e o que emanava da apparição? Oh! se outra vez voltasse aquella figura angelica!...

Pensava Fernão Gonçalves, e tão alheado se embestia n'estes pensamentos, que não deu tino de Orbita Fernandes, seu alferes, e de outro homem desconhecido, ambos já tão proximos do conde, que apenas mediava de uns ao outro a respeitosa distancia guardada ao poder supremo, e que só a voz do alferes despertou do seu profundo scismar o guerreiro castelhano.

— «Que quereis?» perguntou o conde, virando-se meio enfadado para o alferes.

— «Vendo-vos a espada nua, senhor, suspeitei que algum inimigo...»

— «Inimigo!... Que inimigo?» respondeu o conde, recollado do seu extase, e mettendo a espada na bainha.

— «Mas vistes,» proseguiu elle, «alguma cousa, que vos causasse suspeita?»

— «Nada vi.» lhe tornou o alferes, «a não ser a espada de vossa honra fôra do estojo.»

— «Distracções de homem, que sonha em combates: não as tivestes alguma hora?»

Orbita Fernandes sorriu-se, e assentindo com a cabeça, ajuntou:

— «E creio eu, senhor, que os sonhos mui breve se volveram em realidades.»

— «Como assim?» perguntou o conde.

— «Ao que parece alguns indícios ha de que a hoste dos infieis vem marchando; e... este honrado homem,» disse Orbita Fernandes, apontando para o desconhecido, «poderá melhor informar a vossa honra.»

— «E quem és tu?» perguntou Fernão Gonçalves ao estranho.

— «Antolinez, senhor,» hoje lavrador por mercê de vossa honra, e, ainda ha pouco, bandido por culpa de meus peccados. Fui o da caverna de Quintanapalla. Vossa honra ha de lembrar-se; a cabeça do conde Véla cortei-a eu. Cabra morta não diz *mé*: mas os meus homens são testemunhas, que se matei o traidor, a rogo d'elle o fiz. Minha mente era entregal-o vivo a vossa honra, como entreguei seus companheiros: os que escaparam com vida de refrega com os meus homens, está bem de vêr: os outros...» Antolinez completou a phrase, traçando com a mão direita um talho horisontal sobre a garganta.

Atonitos, o conde e Orbita Fernandes trocaram uma vista de olhos silenciosa.

Era o caso, que Orbita Fernandes não conhecia a Antolinez senão pelo nome de Leandro, e de um lavrador estabelecido no arrabalde do burgo, com quem o alferes tinha tido contas, em que o supposto Leandro mostrára sempre a mais stricta pontualidade. Antolinez, a quem o conde, depois da facção de Quintanapalla, recompensára com cem estadaes de terra e um souto a duas leguas de Burgos, depois de ter vivido alguns mezes na sua nova condição, mudára de nome, e fizera esquecer todos os vestigios de seus passados flagicios. É certo que as duas orelhas cortadas, que elle inculcava perdidas em algara contra mouros, os cartorios da cidade de Osma podiam certificar haverem-no sido por crime de roubo, homicidio, e moeda falsa. Mas como em Burgos se ignorava este passo da biographia de Antolinez, e o tempo, a arte, e bom proceder do proprietario recente tinham ajustado uma mascara assaz espessa sobre o semblante do antigo facinoroso, fôra facil a Antolinez adquirir com o preço do seu souto e estadaes, e com os restos de um sacco de soldos e miticaes de ouro conquistados em sanguenta e leal batalha: a uma recova de mercadores na serra de Quintanapalla, uma herdade consideravel nas immedições de Burgos. Installado nos seus novos dominios, de que era senhor directo o mosteiro de S. Lourenço de Burgos, o ex-capitão da caverna travára conhecimento, e corrêra em transacções com Orbita Fernandes, irmão do abbade de mosteiro. O amor do trafico e a impaciencia de repouso induziram-no porém a dilatar o raio de suas especulações até o bairro da judearia, onde seu espirito tão activo e sagaz na esphera mercantil como na politica, depois de descobrir uma mina de lucros pecuniarios, entrára a explorar outra de manejos e enredos. Pesquisas policiaes, por elle diligenciadas, haviam-no informado, que os israelitas do burgo seguiam, de poucos dias a essa parte, uma correspondencia nocturna com os escravos mouros do campo por meio de luzes, que do bairro da judearia faziam signaes para o campo, e de outras luzes, que do campo faziam signaes para o bairro da judearia. Antolinez não tardára em communicar a sua descoberta a Orbita Fernandes, e os dous iam averiguar a exactidão do facto á montanha do castello, sitio azado para melhor se avistarem os signaes, quando ali inopinadamente encontraram a Fernão Gonçalves na postura extraordinaria, que já relatámos.

O aspecto d'este formidavel bandido, que agora pela primeira vez se apresentava ao conde, e tão inesperadamente se annunciava ao proprio alferes, não desdizia do seu nome e fama. Trajava as vestes de paz de um agricultor da meia idade; mas bem se enxergava, que aquelle não era o estojo accommodado para cobrir semelhante folha. A estatura era mediana; mas uma cabeça monstruosa, espadaos herculeas,

e os outros membros esculpturados em proporção revelavam n'elle forças extraordinarias. Os braços descommunes pelo comprimento, pendentes como os tinha então, chegavam-lhe quasi ao joelho, e na luta corpo a corpo ou no manejo das armas duplicavam as vantagens da sua construcção athletica. Uma testa espaçosa e intelligente; os olhos verdes, pequenos, e vivos como os da vibora; o nariz aquilino, tão arqueado, que a ponta ia quasi tocar no labio superior, e mobil em excesso como os olhos: na boca um sorriso, misturado de amargor; e no conjunto da physionomia uma expressão infinita de resolução e imperio, que não era desairada pela postura, agora submissa, do homem, que, catando respeito aos que lhe estavam acima, reforçava assim o seu titulo á obediencia dos inferiores.

Antolinez, enfastiado da vida pacifica e monotonna de agricultor, buscava lançar-se outra vez na estrada das aventuras. E por meios mais nobres ou menos repugnantes o buscava agora. Recommendar-se ao alferes por um serviço, que tinha seus laivos de patriotico, para o alferes o recomendar ao conde. Mas na presença do conde rasgava audazmente o véu do pseudonymo, em que até ali se escondêra. O astucioso Antolinez calculava bem que do inoffensivo lavrador Leandro pouco se podia esperar em empresas arriscadas, militares ou politicas, para que era tão bem talhado o resolutivo ex-bandido de Quintanapalla.

Apenas acabára de ser informado da suspeita correspondencia, que medeava entre a judearia e os escravos mouros do campo. Fernão Gonçalves bradou á sentinella, que vigiava nos adarves do castello. Vieram de dentro reconhecê-lo ao postigo da muralha. E tendo entrado elle e os outros dous, sobiram aos adarves, donde distinctamente avistaram cinco luzes em um ponto mais elevado do bairro israelita, que o ex-bandido disse, pelo conhecimento que tinha da topographia do local, ser em uma casa contigua á synagoga. As luzes appareciam ora todas, ora desapareciam algumas; umas vezes formavam uma linha recta, outras vezes uma diagonal. Figuravam, tambem, de quando em quando uma cruz, ou um semicirculo. Do campo respondiam-lhe o mesmo numero de luzes, e a mesma variedade e alteração de figuras.

— «Sabes decifrar-me aquelles signaes?» perguntou o conde a Antolinez.

Antolinez não sabia.

— «Estes perros judeus,» observou então o conde, «são muito atreitos a praticas supersticiosas. Aquellas luzes póde ser que sejam um signal ajustado entre os moradores da judearia e os rusticos do campo, seus correligionarios, para uns e outros recitamem ao mesmo tempo as suas rezas ridiculas, porque é uma canalha esta muito avezada a conservar um espirito de união e comunidade em todas as suas acções. Mas póde tambem ser conloio e trama entre elles. Se o fór, é esta a hora mais de vez para surprehendel-os. Orbita Fernandes, ide já com alguns bésteiros á judearia: Antolinez que vos acompanhe.»

— «Vossa honra dá licença ao seu servo para dizer o que entende?» interrompeu Antolinez.

— «Dize.»

— «Deixemos,» com perdão de vossa honra, «passar mais alguns dias a ver se as minhas pesquisas me põem no rasto da caça.»

— «Não!» lhe tornou o conde «Occorrem-me agora razões muito fortes para não deixar espaçar esta averiguação.» Fernão Gonçalves lembrava-se que uma surpresa bem succedida facilitaria a cobrança da finta lançada aos judeus, ou justificaria o lançamento de um imposto mais avultado.

Mas o ex-bandido, cuja perspicacia atinou logo a mola secreta d'esta resolução do conde, tornou a interromper:

— «Vossa honra dá licença ao seu servo?... Os perros ali na Esnoga,» disse elle com o accento quasi de segredo, e com a lentura de quem peza cada palavra que diz, «conservam nas suas arcas muito poucos soldos e miticaes: todo o seu haver tem-no em Cordova nas mãos de mercadores da sua gente, retendo apenas em si ementas em pulgaminho para sua segurança. Vedes vós, senhor? São colmeas, que se hão de crestar com tento. Espantadas, as abelhas podem não voltar ao cortiço. Tenho alguma experiencia d'estes perros, e das suas manhas pelo trato que corro com elles. Vossa honra póde dar credito ás minhas palavras.»

Fernão Gonçalves, não pouco surpreendido de que Antolinez lhe tivesse adivinhado os pensamentos mais reconditos, depois de seismar um instante, disse:

— «Pois bem: adiaremos esta diligencia, até que as tuas averiguações ponham mais claro o negocio. Entendei-vos em tudo com o alferes.»

Mas n'esse momento, Maluco, o mastim da caverna de Quintanapalla, nosso conhecido, que até então assistira expectador mudo a este dialogo, entrou a romper o silencio com ladridos surdos. Sentia o ruido das passadas do sayão do burgo, que, juntamente com alguns de seus homens, vinha dar conta ao conde do que occorrêra entre o pagem e Othoniel. A natureza do successo obrigára aquella justiça de cathegoria inferior ao quasi desacato de bater a taes horas ás portas do alcaçar, e a devassar a intimidade das mais secretas acções de sua honra. Queira o leitor passar ao capitulo seguinte, onde será informado de todo o acontecido.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA.

III.

Está Cervantes restituído a final á sua patria. Recobrou a liberdade, mas a liberdade com a penuria, com o desconforto, com a sua estrella de poeta. Já não está entre os ferros de Azan, nem nos ergastulos do bey de Argel: é livre: mas por entre as alegrias da familia, que o recebe carinhosa, vê levantar-se a miseria, que o ameaça, e a má fortuna, que o condemna.

A' simillhaça de Camões, que só acha para reparar os infortunios da vida militar, o arriscar-se em novas campanhas, e tentar novas aventuras, Cervantes, saído dos ferros, que foram o premio glorioso das suas primeiras armas, einge novamente o arnez, e abraça o escudo de Lepanto para legar o seu nome á grandiosa e nacional empreza em que a sua patria vae agora buscar novo dominio e nova gloria.

No anno em que o poeta lusitano, repousando ao lado das armas embotadas em tantos combates gloriosos, e abraçado ao poema em que traduzira os braços de Portugal, se preparava a morrer, depois de ter assistido luctuoso ás exequias da sua patria, no proprio anno em que as letrás portuguezas iam ganhar com a morte de Camões, o seu maior e mais brilhante esplendor, a gloria litteraria de Hespanha existia ainda em germen na cabeça de um soldado obscuro e aventureiro, que militava no exercito invasor de Portugal. E esse soldado era Cervantes.

e esse exercito era o que passava as raias portuguezas para vir executar pelas armas o testamento do cardeal-rei.

A nossa independencia e a nossa nacionalidade tiveram então a honra de ter por inimigo, n'um dos terços da infantaria de Philippe II, ao maior escriptor que jámais illustrou a lingua castelhana, e ao maior e ao primeiro romancista das antigas e modernas idades litterarias.

Cervantes serviu depois ás ordens do marquez de Santa-Cruz, D. Alvaro de Bazan, e assistiu á facção militar, que venceu a perseverança e o heroismo dos Açores em favor da moribunda independencia de Portugal.

A fortuna inexoravel zombava de todas as diligencias e de todas as tentativas de Cervantes. A's campanhas de Italia e ás gentilezas do Lepanto succediám agora mais tres campanhas em que o poeta provára como sempre, que era o seu braço igualmente usado a vibrar a espada, que a dedilhar a lyra melodiosa com que Cervantes cantára depois os carmes bucolicos da *Galatea*. A pobreza cada vez mais teimosa era a medalha com que voltava galardoado dos arraiaes e das batalhas. O esquecimento na paz era o premio das suas bizarrias na guerra. O que ao sair de Hespanha para ir pela primeira vez assoberbar com os terços de D. João de Austria a Italia avassallada, sonhava talvez uma capitania honrosa, e erguia porventura os vãos da esperança romanesca até o bastão do supremo commando, tornava á patria com os annos juvenis perdidos em luctas deshumanas, com o peito retalhado de cicatrizes, e em estado de repetir nas ruas de Madrid a lenda romantica de Camões estendendo o morrião amolgado á caridade dos seus compatriotas. Pelejára em tantas batalhas e tantos recontros, e levava por despojos opimos de tantas victorias em que fôra parte, a indigencia, e o pundonor do soldado razo!

Era Cervantes já entrado em annos. Começava de alvorecer esta idade em que as illusões se perdem, e as esperanças phantasiosas se desfolham no commercio do mundo positivo. Não ha alma de poeta que resista ás tempestades da vida real e agitada. A imaginação é como planta exotica, que esmorece e murcha ao vento das paixões, e se curva rendida ao tufo da sociedade. Sonhae illusões, e acaricia-as: mas, se as não quereis distinguir e riscar da idéa, separae-vos da multidão, e não andeis acotovelando os profanos no mercado prostituido do mundo. Quem andou pelos campos vivendo vida solta de soldado, quem viu a fortuna sorrir ao covarde, e perpassar desdenhosa junto do guerreiro denodado; quem a viu cortejando o intrigante, e chasqueando o homem chão e desinteressado; quem a viu talhar por zombaria o laurel para o merito, e fazel-o cair por engano fraudulento na cabeça do idiota e do perverso, não pôde aos trinta annos coroar-se de lyrios e de rosas, e assistir com a alegria machinal da puericia a esta ridicula comedia da humanidade.

Cervantes não luctou com a má ventura. Acatou-a e pendurou as armas triumphadoras na parede nua do seu alvergue. Aos trinta annos de idade tinha visto nos seus mysterios o drama variadissimo do mundo, e tinha assistido como actor a todas as scenas da vida. O captiveiro tinha-lhe sido escola bem custosa, e a profissão das armas comprára-lhe, a troco de sangue e de desgostos, mil episodios verdadeiros da comedia humana. O genio começou de revelar-se-lhe em toda a sua luxuaria florescencia. Chegava o momento em que todas aquellas scenas dispersas e incompletas na memoria de Cervantes deviam animadas por uma grande phantasia de poeta,

sublevarem-se-lhe na mente, e fixarem-se perfeitas na tela do poema e do romance. Cervantes deixou em fim a profissão das armas, e em 1584 marcou a sua entrada no mundo litterario, estampando com applauso universal a novella pastoril de *Galatea*.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTISSIMA CASA REINANTE.

SEGUNDO PONTO.

A sua jornada, ou jornadas á Terra Santa.

III.

Só depois de examinados, não com ligeireza, mas accuradamente os monumentos guardados em todos os archivos publicos e particulares das Hespanhas, é que se poderia annunciar aos eruditos, e então mesmo ainda com receio, que em 1102 e 1103 não apparecia em todas as Hespanhas um só documento, que nos mostrasse a presença do conde D. Henrique; porém (caso notavel, e que oxalá possa servir de escarmento aos nossos modernos indagadores e revolvedores de antiguidades!...) correndo o anno de 1782 saiu impressa em Madrid a *Historia del real monasterio de Sahagum*, que nos patenteou riquezas historicas, até ahí não sabidas, como já deixei apontado; ora entre os muitos documentos, que formam um largo appendice d'esta obra, eu acho na escriptura 135 um contrato dos monges de Sahagum sobre alguns bens do seu mosteiro, que na data de 1140 ou anno de 1102 tem esta assignatura *Henricus Portucalensis comes confirmat*: e na escriptura 137, que é uma doação de Ordonho Sarracines ao proprio mosteiro, na data de V. kalendas marcii tem esta assignatura *Henricus comes confirmat*. Segue-se a escriptura 138, que é uma doação de Paio Bermudes ao proprio mosteiro, em que o nosso conde D. Henrique é um dos confirmantes, no dia 9 de fevereiro da era 1142, ou anno 1104. Já temos escripturas, em que apparece o conde D. Henrique, e do proprio anno controverso de 1103; e posto que seja possivel, que desde fevereiro de 1103 até ao fevereiro seguinte o conde saísse para os logares santos, e d'ahi voltasse, quem poderá desvanecer todos os nossos receios, de que appareça nos outros archivos de Hespanha outro Fr. Romualdo de *Escalona*, que mostre a presença do conde D. Henrique n'esse mesmo tempo do breve silencio das escripturas?

(Continúa.)

— Oh! ricos, ricos! Quão pouco vos custará o ser ditosos, creando nos outros alegrias para vós mesmos! Oh! ricos, ricos! Quão facil vos fôra acabar com o antigo pleito, que pende entre a penuria e a opulencia! Quão facil e quão glorioso, o fazerdes, e não á vossa custa, senão até com proveito vosso, com que os filhos, como vós, de uma terra fertil, não fugissem d'ella, para irem comer pão de escravos, e estalar de saudades em sertões longinquos! Se amaes o chão onde nascestes, criae e enraizae n'elle verdadeiros lavradores. Lavradores verdadeiros não são só os cidadãos mais productivos, mas tambem os mais pacificos e patrioticos.

CASTILHO: — FELIC. PELA AGRICULTURA.